

# MENOR PARTICIPAÇÃO DOS AGRONEGÓCIOS E DO ESTADO DE SÃO PAULO NAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS ATÉ JULHO DE 2005<sup>1</sup>

José Sidnei Gonçalves<sup>2</sup>  
Sueli Alves Moreira Souza<sup>3</sup>  
José Roberto Vicente<sup>2</sup>

## 1 - EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS E OS AGRONEGÓCIOS

As exportações totais brasileiras, avaliadas em totais de doze meses, cresceram de US\$58,22 bilhões em jan.2001/dez.2001 para US\$108,91 bilhões em ago.2004/jul.2005, sendo que os agronegócios mostram menor incremento proporcional, de US\$24,98 bilhões para US\$43,79 bilhões no mesmo período, com o que a participação setorial, que havia evoluído de 42,9% em jan.2001/dez.2001 para 44,3% em jan.2003/dez.2003, recua para 40,2% em ago.2004/jul.2005. Os dados deste último período indicam que as vendas externas dos agronegócios cresceram menos que as do conjunto da economia nacional na comparação entre os sete primeiros meses dos anos civis correspondentes (jan.2005/jul.2005 cotejado com jan.2004/jul.2004) (Tabela 1).

Esse desempenho setorial está calcado no maior aumento percentual dos produtos básicos (44,7% para 46,8%), avançando de US\$11,18 bilhões (jan.2001/dez.2001) para US\$20,48 bilhões (ago.2004/jul.2005), em relação aos semi-manufaturados e manufaturados, que cresceram menos (Tabela 2). Em função disso, a reduzida agregação de valor aos produtos exportados pelos agronegócios, com a prevalência de vendas externas de *commodities*, coloca o setor na dependência do movimento dos preços internacionais e na dependência direta da capacidade de competir com outras nações, exigindo continuidade e ritmo elevado das inovações tecnológicas.

Nos agronegócios, o principal grupo de cadeia de produção nas vendas externas são os grãos e fibras, que vinham apresentando aumento, variando de US\$7,20 bilhões (28,8%) em jan.2001/dez.2001 para US\$12,91 bilhões (31,1%) em jan.2004/dez.2004, recuam para US\$11,31 bilhões em ago.2004/jul.2005 (25,8%) (Tabela 3). Avaliando-se somente os dois últimos períodos considerados, nos primeiros sete meses de 2005, os efeitos acumulados da queda de preços internacionais da soja afetaram o desempenho desse segmento, que apresenta valores menores que nos primeiros sete meses de 2004.

Destacando os cinco principais grupos de cadeia de produção, a participação das exportações da soma destes no conjunto dos agronegócios brasileiros no período analisado gira em torno de 76,0% (mínimo de 75,6% e máximo de 77,5%), o que revela uma enorme concentração em cadeias de produção caracterizadas pela escala em termos do tamanho de área, uma vez que mesmo suínos e aves, atividades granjeiras verticalizadas, têm sustentação nas lavouras de milho e soja para alimentação animal. O maior crescimento, quando comparadas as somas de doze meses entre os extremos (jan.2001/dez.2001 com ago.2004/jul.2005), os maiores incrementos são dos suínos e aves (137,2%), seguidos dos bovídeos (+78,6%), da cana e sacarídeos (+74,5%), dos produtos florestais (+73,2%) e dos grãos e fibras (+57,7%) (Tabela 3).

A comparação entre esses desempenhos mostra um fato relevante, qual seja, mesmo que a tendência não tenha sido de expansão das exportações brasileiras de produtos com maior agregação pela transformação agroindustrial, o fato de que a maior expansão tenha ocorrido exatamente nos suínos e aves, atividades granjeiras que, em última instância, constituem agregação de valor à soja e ao milho, ingredientes da ração, relativiza os problemas da prevalência dos produtos

<sup>1</sup>Registrado no CCTC, IE-75/2005.

<sup>2</sup>Engenheiro Agrônomo, Doutor, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

<sup>3</sup>Economista, Pesquisadora Científica do Instituto de Economia Agrícola.

TABELA 1 - Evolução das Exportações Brasileiras Segundo os Setores Econômicos, Total de Doze Meses, Jan.2001/Dez.2001 a Ago.2004/Jul.2004  
(em US\$ bilhão)

Setor	Jan.01/dez.01	Jan.02/dez.02	Jan.03/dez.03	Jan.04/dez.04	Ago.04/jul.05
Agronegócios	24,98	26,03	32,39	41,51	43,79
Demais setores	33,24	34,33	40,70	54,97	65,13
Brasil	58,22	60,36	73,08	96,48	108,91

Fonte: Elaborada a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

TABELA 2 - Evolução das Exportações dos Agronegócios Brasileiros, Segundo os Níveis de Agregação de Valor, Total de Doze Meses, Jan.2001/Dez.2001 a Ago.2004/Jul.2004  
(em US\$ bilhão)

Nível de agregação	Jan.01/dez.01	Jan.02/dez.02	Jan.03/dez.03	Jan.04/dez.04	Ago.04/jul.05
Básicos	11,18	11,69	14,92	20,20	20,48
Semi-manufaturados	4,78	4,84	6,31	7,05	7,82
Manufaturados	9,02	9,50	11,16	14,25	15,49
Agronegócios	24,98	26,03	32,39	41,51	43,79

Fonte: Elaborada a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

TABELA 3 - Evolução das Exportações dos Agronegócios Brasileiros segundo os Principais Grupos de Cadeia de Produção, Total de Doze Meses, Jan.2001/Dez.2001 a Ago.2004/Jul.2004  
(em US\$ bilhão)

Grupo de cadeias	Jan.01/dez.01	Jan.02/dez.02	Jan.03/dez.03	Jan.04/dez.04	Ago.04/jul.05
Grãos e fibras	7,12	7,40	10,05	12,83	11,23
Bovídeos	3,45	3,55	4,14	5,59	6,16
Cana e sacarídeos	2,39	2,29	2,33	3,16	4,17
Produtos florestais	4,25	4,44	5,66	6,97	7,36
Suínos e aves	1,83	2,00	2,53	3,62	4,34
Subtotal	19,04	19,67	24,70	32,18	33,25
Agronegócios	24,98	26,03	32,39	41,51	43,79

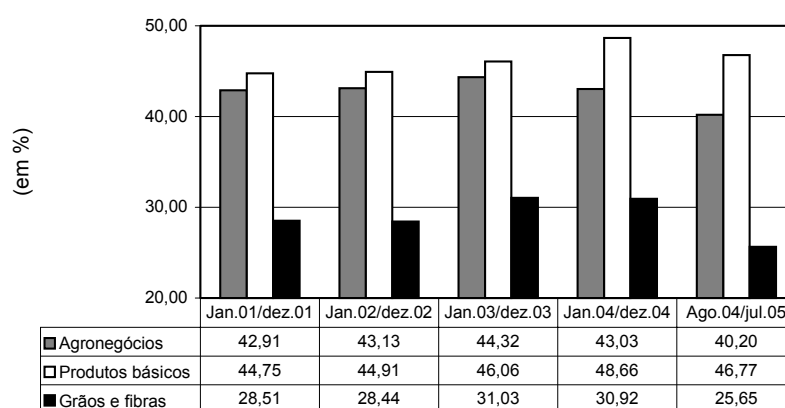
Fonte: Elaborada a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

básicos nas exportações dos agronegócios brasileiros, sendo um relevante caminho a ser percorrido na multiplicação da renda e dos empregos internos.

Uma visão global do comportamento das exportações brasileiras mostra que os agronegócios perdem posição relativa em relação aos demais setores, uma vez que após terem crescido de 42,9% em jan.2001/dez.2001 para 44,3% em jan.2003/dez.2003, há um nítido recuo no período seguinte, para atingir o ainda significativo patamar de 40,2% em ago.2004/jul.2005. Os produtos básicos têm participação crescente até jan.2004/dez.2004 (de 44,8% para 48,7%), mas no período mais recente caem suas participações de 48,7% em jan.2004/dez.2004 para 46,8% em

ago.2004/jul.2005, com o que os primeiros sete meses de 2004 tiveram vendas de produtos básicos maiores que igual período de 2005.

Destacando os grãos e fibras, principal grupo de cadeia de produção das exportações dos agronegócios brasileiros, após crescimento até jan.2004/dez.2004 (de 28,5% para 30,9%), há um nítido recuo para 25,7% em ago.2004/jul.2005, pelas razões apontadas acima para os produtos básicos dos quais são os principais componentes (Figura 1). Os preços internacionais pressionam para baixo os valores das exportações de produtos básicos de grãos e fibras, somando-se a menor oferta em volume, enquanto o câmbio, atuando nesse quadro, pressiona ainda mais para baixo a renda agropecuária brasileira.



**Figura 1** - Evolução da Participação Percentual dos Agronegócios nas Exportações e dos Grãos e Fibras e dos Produtos Básicos nas Vendas Externas dos Agronegócios, Brasil, Jan.2001/Dez.2001 a Ago.2004/Jul.2005.

Fonte: Elaborada a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

## 2 - EXPORTAÇÕES PAULISTAS E OS AGRO-NEGÓCIOS

Na análise da inserção do Estado de São Paulo, com base em totais anualizados, notam-se exportações estaduais crescentes de US\$20,62 bilhões em jan.2001/dez.2001 para US\$34,74 bilhões em ago.2004/jul.2005 (68,6%). Os agronegócios paulistas também mostram aumento de exportações de US\$6,18 bilhões em jan.2001/dez.2001 para US\$11,13 bilhões em ago.2004/jul.2005 (80,1%) (Tabela 4). Verifique-se que no caso de São Paulo, diferentemente do que ocorre para o Brasil como um todo, as exportações dos demais setores cresceram menos (63,3%) que as dos agronegócios, reforçando a relevância setorial para os resultados positivos da balança comercial estadual.

Os agronegócios paulistas apresentam elevado padrão de agregação de valor pela transformação agroindustrial, ainda que no período analisado tenha ocorrido tendência contrária a esse movimento. Isso porque os produtos básicos apresentaram aumento de 144,3% entre jan.2001/dez.2001 e ago.2004/jul.2005. Esse avanço foi superior ao verificado no período tanto para os semi-manufaturados (85,2%) quanto para os manufaturados (60,2%) (Tabela 5). Uma das explicações para essa ocorrência pode estar na menor desoneração fiscal das vendas externas de produtos primários e semi-processados (Lei Kandir), com o que as mudanças na política cambial e a pressão da demanda internacional (preços atrativos) puderam se manifestar de

forma mais contundente na agropecuária estadual no período analisado.

Outro aspecto a destacar corresponde à participação dos cinco principais grupos de cadeia de produção das exportações paulistas, dos quais dois são distintos dos verificados para o Brasil (frutas, em especial sucos cítricos, e bens de capital e insumos). A representatividade desse conjunto no período analisado se mostrou elevada, variando de 76,2% a 78,9%, com os maiores crescimentos dos bovídeos (161,8%), bens de capital e insumos (126,5%), cana e sacarídeas (79,3%), produtos florestais (42,9%) e frutas (28,0%) (Tabela 6). Esse desempenho mostra não apenas o significativo avanço exportador da pecuária de corte paulista, sustentada em intenso processo de inovação que permite maior produção de carne a pasto com redução da área de pastagem, o salto de qualidade da agroindústria de máquinas agrícolas (em especial de equipamentos) e a força do complexo sucroalcooleiro.

Uma característica que diferencia os agronegócios paulistas dos totais brasileiros consiste na maior agregação de valor dos produtos exportados, sendo que enquanto para o Brasil como um todo a participação dos produtos básicos supera o patamar de 45,0% (Figura 1), em São Paulo os níveis observados são mais baixos, embora crescentes de 18,3% em jan.2001/dez. 2001 para 24,8% em ago.2004/jul 2005, em função do aumento proporcionalmente maior desses produtos básicos (de US\$1,13 bilhão em dezembro de 2001 para US\$2,76 bilhões em julho de 2005) em relação aos manufaturados (de US\$3,89 bilhões

TABELA 4 - Evolução das Exportações Paulistas Segundo os Setores Econômicos, Total de Doze Meses, Jan.2001/Dez.2001 a Ago.2004/Jul.2004  
(em US\$ bilhão)

Setor	Jan.01/dez.01	Jan.02/dez.02	Jan.03/dez.03	Jan.04/dez.04	Ago.04/jul.05
Agronegócios	6,18	6,52	8,00	10,04	11,13
Demais setores	14,45	13,59	16,87	21,00	23,60
São Paulo	20,62	20,11	24,86	31,04	34,74

Fonte: Elaborada a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

TABELA 5 - Evolução das Exportações dos Agronegócios Paulistas Segundo os Níveis de Agregação de Valor, Total de Doze Meses, Jan.2001/Dez.2001 a Ago.2004/Jul.2004  
(em US\$ bilhão)

Nível de agregação	Jan.01/dez.01	Jan.02/dez.02	Jan.03/dez.03	Jan.04/dez.04	Ago.04/jul.05
Básicos	1,13	1,32	1,74	2,77	2,76
Semi-manufaturados	1,15	1,10	1,48	1,63	2,13
Manufaturados	3,89	4,10	4,78	5,64	6,23
Agronegócios	6,18	6,52	8,00	10,04	11,13

Fonte: Elaborada a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

TABELA 6 - Evolução das Exportações dos Agronegócios Paulistas Segundo os Principais Grupos de Cadeia de Produção, Total de Doze Meses, Jan.2001/Dez.2001 a Ago.2004/Jul.2004  
(em US\$ bilhão)

Grupos de cadeia	Jan.01/dez.01	Jan.02/dez.02	Jan.03/dez.03	Jan.04/dez.04	Ago.04/jul.05
Frutas	0,93	1,09	1,24	1,16	1,19
Bovídeos	1,02	1,23	1,76	2,47	2,67
Cana e sacarídeos	1,59	1,57	1,68	2,15	2,85
Produtos florestais	0,91	0,84	1,09	1,19	1,30
Bens de capital e insumos	0,34	0,34	0,51	0,68	0,77
Subtotal	4,80	5,08	6,28	7,65	8,78
Agronegócios	6,18	6,52	8,00	10,04	11,13

Fonte: Elaborada a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

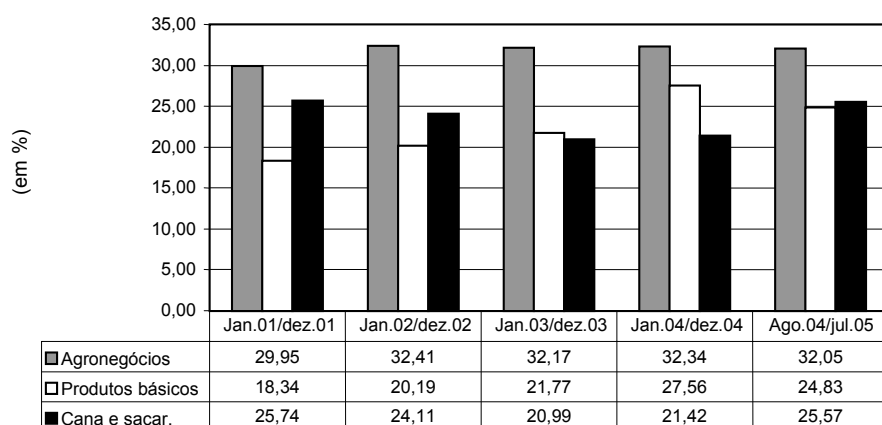
para US\$6,23 bilhões) (Figura 2). Ainda detalhando as vendas externas dos agronegócios paulistas, nota-se que, ao contrário do verificado para os totais nacionais em que há queda, a representatividade setorial em termos de entrada de divisas para a economia estadual cresce ainda que em níveis mínimos no período analisado (Figura 2).

O principal grupo de cadeia de produção das exportações paulistas apresenta comportamento irregular, com diminuição expressiva, saindo de 25,7% em jan.2001/dez.2001 para 21,0% em jan.2003/dez.2003, para voltar ao patamar anterior de 25,57% em ago.2004/jul.2005 (Figura 2). Em função desses desempenhos, as exportações paulistas apresentam perda de relevância no total brasileiro, caindo de 35,4% em jan.2001/dez.2001 para 31,9% em ago.2004/jul.2005. Entretanto, esse fato não está relacionado aos agronegócios, uma vez que nesse setor as vendas

paulistas mantêm-se em torno de um quarto do total setorial brasileiro (mínimo de 24,2% e máximo de 15,4%) (Figura 3). Assim como inferência, a perda de participação paulista deve-se ao menor avanço exportador dos demais setores da economia estadual em relação ao conjunto das exportações brasileiras.

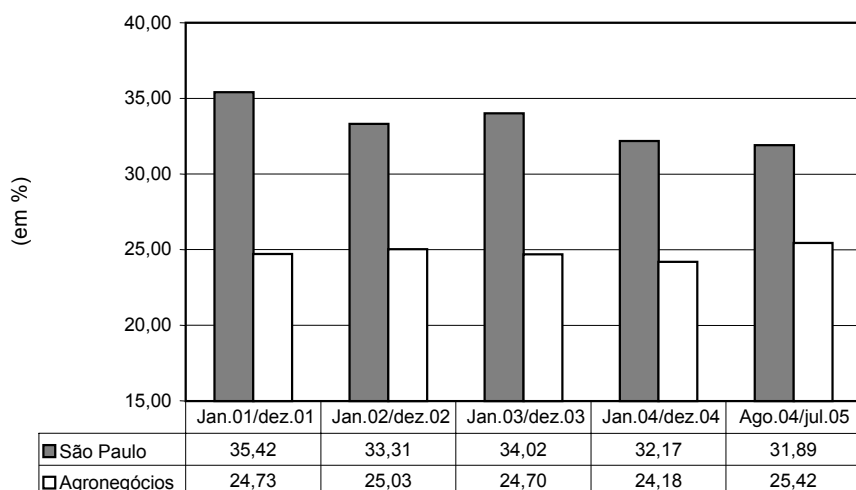
### 3 - IMPORTAÇÕES E SALDOS COMERCIAIS PAULISTAS NO CONTEXTO DO COMÉRCIO EXTERIOR BRASILEIRO

Na avaliação das importações paulistas, os resultados anualizados mostram que, após recuo de US\$24,78 bilhões em jan.2001/dez.2001 para US\$19,83 bilhões em jan.2002/dez.2002, verifica-se consistente reversão de tendência para crescimento, atingindo US\$28,54 bilhões



**Figura 2** - Evolução da Participação Percentual dos Agronegócios nas Exportações e da Cana e Sacarídeas e dos Produtos Básicos nas Vendas Externas dos Agronegócios, Estado de São Paulo, Jan.2001/Dez.2001 a Ago.2004/Jul.2005.

Fonte: Elaborada a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.



**Figura 3** - Participação das Exportações Paulistas no Total Brasileiro e dos Agronegócios Estaduais nos Agronegócios Nacionais, Estado de São Paulo, Jan.2001/Dez.2001 a Ago.2004/Jul.2005.

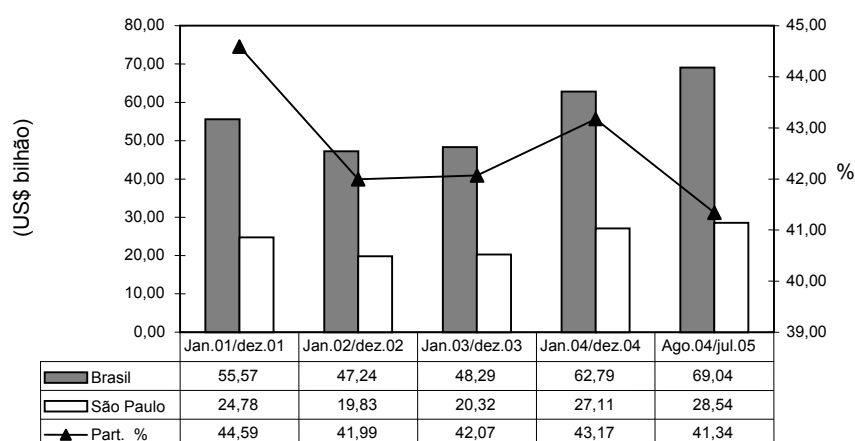
Fonte: Elaborada a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

em ago. 2004/jul.2005. A participação elevada das importações paulistas nas aquisições externas brasileiras, em média de 42,2% no período posterior a 2002 (conquanto menor que os 44,6% de jan.2001/dez.2001), decorrem da concentração industrial, em especial da indústria de bens de capital (Figura 4).

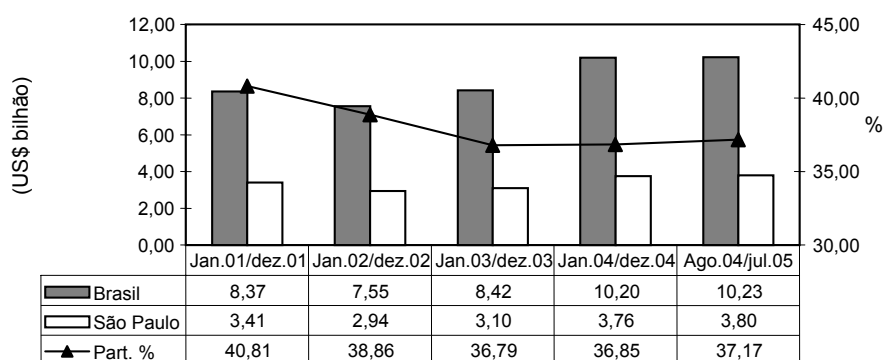
Nas importações dos agronegócios, as compras externas paulistas recuam de US\$3,41 bilhões em jan.2001/dez.2001 para US\$2,94 bilhões em jan.2002/dez.2002, para em seguida reverter a tendência e mostrar crescimento até totalizar US\$3,80 bilhões em ago.2004/jul. 2005. Em proporção das aquisições nacionais relacio-

nadas com os agronegócios, após queda de 40,8% em jan.2001/dez.2001 para 38,9% em jan.2003/dez.2003, esses percentuais de participação das compras dos agronegócios paulistas mantêm-se no mesmo patamar atingindo 37,2% em ago.2004/jul.2005, o que significa dizer que, proporcionalmente, há similaridade no comportamento dos sete primeiros meses de 2005 em relação ao mesmo período do ano anterior (Figura 5).

A maior parcela das importações dos agronegócios paulistas corresponde a bens de capital e insumos, em função de essa agroindústria estadual consistir na principal fornecedora



**Figura 4** - Evolução das Importações Brasileiras e da Participação Paulista, Jan.2001/Dez.2001 a Ago.2004/Jul.2005.  
Fonte: Elaborada pelo IEA a partir de dados básicos do MDIC.

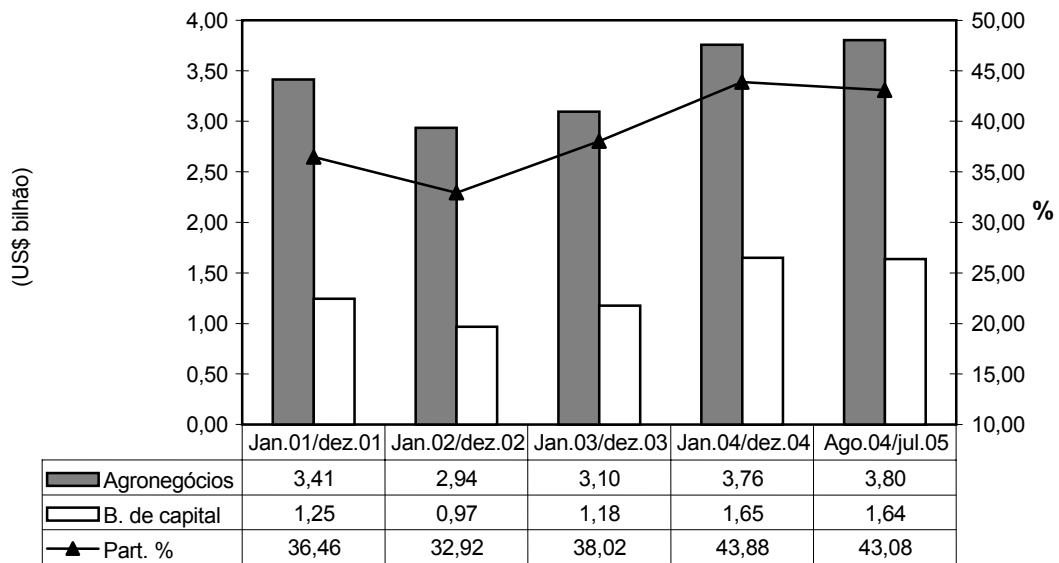


**Figura 5** - Evolução das Importações dos Agronegócios Brasileiros e Participação dos Agronegócios Paulistas, Jan.2001/Dez.2001 a Ago.2004/Jul.2005.  
Fonte: Elaborada pelo IEA a partir de dados básicos do MDIC.

desses produtos impulsionadores da produtividade setorial para a agropecuária brasileira. As compras externas paulistas desses produtos, após recuarem de US\$1,25 bilhão (36,4% do total setorial em jan.2001/dez.2001) para US\$0,97 bilhão (32,9% em jan.2002/dez.2002), revelam consistente crescimento para alcançar US\$1,64 bilhão (43,1% em ago.2004/jul.2005) (Figura 6). Essa maior proporcionalidade das importações de bens de capital e insumos revelam a condição estratégica da agroindústria paulista de bens de capital e insumos para o desempenho da agropecuária nacional como um todo.

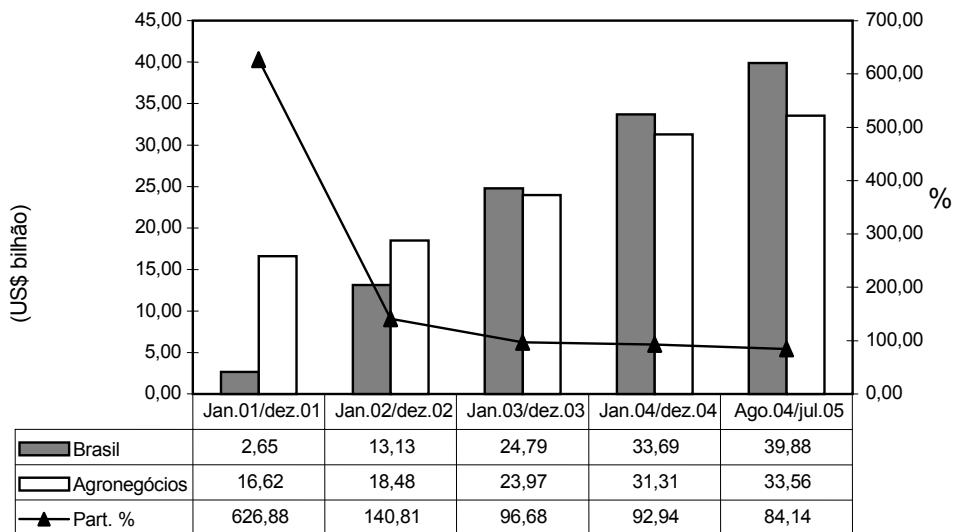
Destacando a representatividade dos agronegócios nos saldos comerciais brasileiros, nos totais nacionais verifica-se avanço significativo dos valores anualizados de US\$2,65 bilhões em jan.2001/dez.2001 para US\$39,88 bilhões em

ago.2004/jul.2005. Os *superávits* dos agronegócios crescem de US\$16,62 bilhões para US\$33,56 bilhões no mesmo espaço temporal, com o que a grande mudança que sustentou o crescimento das entradas líquidas de divisas foi a reversão dos *déficits* dos demais setores que, de saldos negativos, passam a produzir resultados positivos. A participação dos agronegócios na conformação desses resultados, ainda que se mantenha preponderante em julho de 2005 (84,1%), apresenta tendência nitidamente decrescente no período (Figura 7). A análise da evolução dos saldos comerciais mostra que os agronegócios, conquanto se mantenham majoritários na formação dos *superávits* comerciais nacionais, perdem posição relativa desde o início do período, apesar dos incrementos nos valores absolutos, em função do avanço mais robusto



**Figura 6** - Evolução das Importações dos Agronegócios Paulistas e Participação dos Bens de Capital e Insumos, Jan.2001/Dez.2001 a Ago.2004/Jul.2005.

Fonte: Elaborada pelo IEA a partir de dados básicos do MDIC.



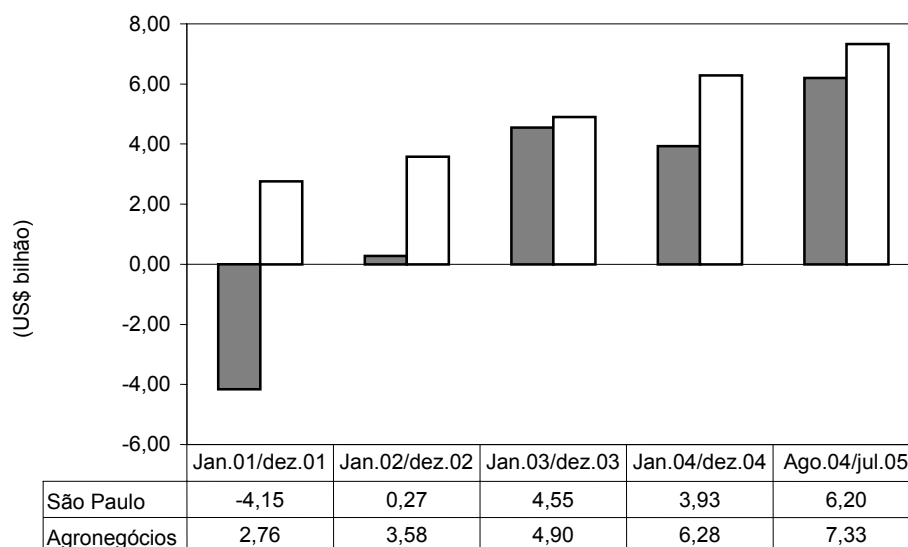
**Figura 7** - Evolução dos Saldos Comerciais Brasileiros e Participação dos Agronegócios, Jan.2001/Dez.2001 a Ago.2004/Jul.2005.

Fonte: Elaborada pelo IEA a partir de dados básicos do MDIC.

dos demais setores da economia que de deficitários passaram a superavitários.

No caso paulista, ocorre contribuição decisiva dos agronegócios para a construção da balança comercial setorial, uma vez que os saldos comerciais setoriais são positivos e superiores em relação aos totais da economia paulista em todos os anos do período analisado. A balança comercial estadual, após apresentar *déficit* de US\$4,15 bilhões em jan.2001/dez.2001, apresenta *superá-*

*vits* em todo o período seguinte, avançando de US\$0,27 bilhão (jan.2002/dez.2002) para US\$6,20 bilhões (ago.2004/jul.2005), notadamente em função do desempenho dos agronegócios estaduais, cujos saldos comerciais aumentam de US\$2,76 bilhões (jan.2001/dez.2001) para US\$7,33 bilhões (ago.2004/jul.2005), sendo que os demais setores da economia apresentam, por dedução, *déficits* nas transações externas em todo período (Figura 8).



**Figura 8** - Evolução dos Saldos Comerciais Paulistas e Participação dos Agronegócios, Jan.2001/Dez.2001 a Ago.2004/Jul.2005.  
Fonte: Elaborada pelo IEA a partir de dados básicos do MDIC.

#### 4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos dados anualizados de comércio exterior mostra queda tanto na participação dos agronegócios quanto nas exportações paulistas no total nacional. Se, de um lado, as vendas externas brasileiras têm crescido menos que a média das exportações mundiais, por outro, dentro do Brasil, o Estado de São Paulo tem mostrado desempenho aquém da média nacional de crescimento das exportações, perdendo posição relativa. O mesmo ocorre com os agronegócios, ainda que esse setor se configure como o principal segmento exportador, tanto paulista como brasileiro, em especial quando são avaliados os saldos comerciais, à medida que os agronegócios respondem por mais de 84,0% do *superávit* do comércio exterior

brasileiro e garantem os saldos positivos da balança comercial paulista, que apresentaria situação deficitária quando não considerada essa contribuição setorial.

Nas perdas de posição relativa em relação às exportações brasileiras, trata-se tanto no caso dos agronegócios como no total do Estado de São Paulo de que ambos estão obtendo nos últimos anos incrementos de vendas externas menores que a soma nacional, à medida que tanto os demais setores da economia brasileira como de outras Unidades da Federação vêm mostrando maior dinamismo nas respectivas estratégias exportadoras.

**Palavras-chave:** comércio exterior, balança comercial, exportações paulistas, agronegócios.